

# AS IMAGENS QUE ME FALTAM

DOI  
dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.163412

ORCID  
orcid.org/0000-0002-5258-1439

**BÁRBARA COPQUE**  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 20550-900 - defp.febf.uerj@gmail.com



As mulheres da minha família sempre se relacionaram com *o tempo*. Quando pequena, ouvia da minha avó materna: “o tempo dá, o tempo tira, o tempo passa e a folha vira!”. E da minha mãe, Luiza: “o tempo é que cura o fumo!”. Esse tempo, tão presente na minha vida, sempre foi um pouco diferente: em casa, o vivíamos como se fôssemos aparentados; ele era uma árvore, uma entidade, um Orixá. E o reconhecíamos por Irôko, a primeira árvore, aquela que liga o céu à terra e pela qual todos os Orixás desceram ao nosso mundo. Irôko era uma *das imagens que me faltavam*, um dos meus assentamentos.

Em 2018, resolvi ir atrás desse meu *enredo* e, na companhia de minha mãe, vivenciar fotograficamente esse tempo. Quem nasce no Recôncavo tem sua vida enredada pelos terreiros, e nesses espaços o *enredo* refere-se não só à história de vida de alguém como a um conjunto *emaranhado* (Ingold 2012) de relações entre os humanos e os orixás. Ter *enredo* equivale ser, de certa forma, o Orixá e o outro, carregando consigo um pouco de cada um. Assim, rever o Irôko é *recordar* conjuntamente algumas imagens com os fios narrativos de minha mãe e de minha avó Dete. Seguimos, então, para Santo Amaro da Purificação, Acupe, Saubara, Cachoeira, Santo Estêvão, Suape e Madre de Deus, cidades localizadas no Recôncavo Baiano e que guardam nossa ancestralidade.

Há 130 anos, no Largo do Mercado de Santo Amaro da Purificação, é montado um barracão onde acontece o Bembé do Mercado<sup>1</sup>, uma manifestação de xirê<sup>2</sup>. Nele, durante os três dias que precedem o 13 de maio, a comunidade de terreiro – das mais importantes e antigas, de várias nações e adjacências, bem como de terreiros de Salvador – toca o dia inteiro, rememorando a extinção legal da escravidão e reafirmando a identidade afrodescendente. Em junho de 1958, a festa ganhou uma dimensão religiosa após enchentes na cidade e uma violenta explosão de fogos que incendiou o mercado. Fala a tradição santamarense que, se não há toque, a cidade vive momentos de catástrofe. Tal incidente ardeu na minha família. Entre as centenas de mortos, minha mãe encontrou o meu tio, que “carregava o número 99 dos irreconhecíveis”. Este acontecimento trouxe a depressão, a loucura e muitas dificuldades aos meus familiares. Percorrendo a consumação dessas lembranças no mercado de Santo Amaro, vali-me da companhia de Didi-Huberman (2012), que com suas palavras dava-me alento para pensar a condição lacunar e residual das imagens, como cinzas de tudo aquilo que me ardeu. Neste ensaio, trago algumas imagens que me faltavam<sup>3</sup>.

1. A festa foi considerada Patrimônio Imaterial da Bahia no Registro Especial dos Eventos e Celebrações, pelo Decreto nº 14.129/2012.

2. Ritual público de caráter festivo de culto aos Orixás.

3. Parte integrante de um ensaio em processo.























# GÊNEROS ALIMENTÍCIOS





# AÇOUGUE SÃO FRANCISCO

AÇOUGUE MORDOMIA  
CARNES APARTIR DE  
R\$ 2,50  
CARNE DE 1º  
CARNE S/OSSO  
" " C/OSSO  
FÍGADO  
FATO  
MOCOTÓ  
PASSARINHA  
BUCHO PURO  
BOFE

































## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Didi-Huberman, Georges. 2012. Quando as imagens tocam o real. *Revista Póis*, vol. 2, nº. 4: 206-219.

Flaksman, Clara. 2017. Enredo de santo e sincretismos no candomblé de Salvador, Bahia. *Revista de Antropologia da UFSCar*, vol. 9, nº. 2: 153-169.

Ingold, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, vol. 18, nº. 37: 25-44.

## RESUMO

**PALAVRAS-CHAVE**  
Antropologia visual;  
fotografia; memória;  
ancestralidade;  
sankofa.

No presente ensaio me proponho a vivenciar fotograficamente as minhas memórias e dar forma às lembranças compartilhadas pela minha mãe, me colocando numa atividade de imaginação durante uma viagem no Recôncavo Baiano, terra da nossa ancestralidade.

## ABSTRACT

**KEYWORDS**  
Visual anthropology;  
photography;  
memory; ancestry;  
Sankofa.

In this essay, I propose to give form to my mother's shared remembering as well as to experience my own memories with photography by putting myself into an activity of imagination during a trip to the Recôncavo Baiano, land of our ancestry.

**BÁRBARA COPQUE** é doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professora adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). Coordenou o Grupo de Pesquisa Imagens, Narrativas e Práticas Sociais (Inarra) (CNPq-UERJ) e, atualmente, é coordenadora do Núcleo de Estudos Visuais em Periferias Urbanas (NuVISU) (CNPq-UERJ) e integrante do coletivo de artes visuais Negras[fotos]grafias. E-mail: barbara.copque@gmail.com

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 20/10/2019

Aprovado em: 29/10/2019